

DO VOLUNTARIADO À FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO ARQUIVISTA NO REINO UNIDO

Mônica Tenaglia

Faculdade de Ciência da Informação

Universidade de Brasília

E-mail: motenaglia@hotmail.com

Resumo: Trata-se de um relato de experiência profissional e acadêmica desenvolvida em Londres mediante a realização de trabalhos voluntários em projetos arquivísticos e do Mestrado em Arquivologia na *University College London* (UCL). O objetivo do trabalho é apresentar a relação do voluntariado com as instituições arquivísticas no Reino, e descrever os dois projetos com os quais a experiência voluntária foi desenvolvida: *Kingsmead Housing Estate* e *The Sir Joseph Banks Archive*. Visa, também, reconstruir, brevemente, a emergência dos cursos de Arquivologia no Reino Unido, a partir de 1947, e descrever o mestrado em Arquivologia realizado, e suas disciplinas e atividades. Conclui-se que o trabalho voluntário em arquivos no Reino Unido é extensivamente utilizado e promovido por diversas instituições arquivísticas e culturais, incluindo, pelo Arquivo Nacional britânico (*The National Archives*) e a Associação dos Arquivistas do Reino Unido e Irlanda (ARA), além de ser reconhecido como uma experiência profissional. Além disso, demonstra a diferença entre a formação formal do arquivista no Reino Unido em relação ao Brasil, que é obtida mediante a realização de um curso de pós-graduação.

Palavras-chave: Voluntariado. Cursos de Arquivologia. Reino Unido.



1 INTRODUÇÃO

Nos séculos XIX e XX, os arquivistas possuíam uma sólida formação em história, idiomas antigos e paleografia, a fim de ler e interpretar os documentos antigos em sua totalidade, pois trabalhavam, majoritariamente, com documentos textuais produzidos pelos setores da administração pública dos séculos anteriores (MACNEIL, 2017). Nas últimas décadas, porém, sendo os arquivos relacionados, cada vez mais, às questões da transparência e prestação de contas, à efetivação de leis de acesso à informação, à memória e identidades individuais e, ainda, à efetivação de direitos humanos e civis, o trabalho do arquivista se estabelece para garantir que essas qualidades dos arquivos sejam preservadas e facilitar o acesso aos arquivos pela sociedade.

Embora não seja objetivo desse artigo aprofundar-se no trabalho de reconstrução da trajetória da Arquivologia e do arquivista, é interessante observar a estreita relação entre o conhecimento arquivístico e os governos¹. Segundo Fonseca (2005), alguns autores consideram que os primórdios da Arquivologia remontam ao século XVI, período em que algumas rotinas da profissão começaram a ser disciplinadas por normas regulamentares, até mesmo de caráter oficial². Dessa forma, a profissão do arquivista desenvolveu-se conforme evoluíam as discussões sobre a natureza dos documentos que deveriam ser preservados e que tipo de informação se buscava nos

¹ Ao reconstruir a história dos arquivos e da Arquivologia na Inglaterra, Shepherd (2004), por exemplo, desenvolve um extenso estudo sobre como o governo britânico modelou a profissão do arquivista no Reino Unido.

² Nesse sentido, Fonseca lembra que, para Luciana Duranti (1993), os primeiros elementos sobre a doutrina arquivística já estariam presentes nos estudos sobre a diplomática produzidos por Dom Jean Mabillon, em 1681.

documentos (MARQUES, 2019)³.

Na Inglaterra, a profissionalização do arquivista remonta à criação do *Public Record Office* (PRO)⁴, em 1838, embora o grupo de profissionais tenha ficado restrito ao Departamento de Manuscritos do Museu Britânico e ao próprio PRO. Após a criação do *Local Government Act 1888*⁵ e o estabelecimento de *public offices* locais, esse grupo se desenvolveu com maior intensidade em outros âmbitos da administração pública (SHEPHERD, 2004).

Todavia, segundo Shepherd (op. cit., p. 12, tradução nossa), os profissionais desse grupo “não se consideravam arquivistas e, sim, historiadores, editores e pesquisadores, sendo capacitados em habilidades relacionadas à História, e não, à Arquivologia”.

O surgimento de programas em universidades britânicas voltados, especificamente, à formação do arquivista aconteceu, somente, em 1947, com o estabelecimento de cursos de Diploma⁶ na *University College London* (UCL) e na Universidade de Liverpool, além de um programa de estágio oferecido pela *Bodleian Library*, da Universidade de Oxford.

Atualmente, no Reino Unido⁷, os cursos de Arquivologia são oferecidos em seis universidades. Diferentemente do Brasil, a formação e o requisito para o exercício da profissão de arquivista no Reino Unido é o Mestrado ou Diploma em Arquivologia que pode ser realizado presencialmente ou à distância, com período de duração de um até cinco anos. O pré-requisito para o ingresso no mestrado é a obtenção de um curso de graduação (em qualquer área do conhecimento) e experiência profissional de, pelo menos, um ano.

O objetivo desse artigo é apresentar um relato de formação como arquivista através do mestrado em Arquivologia em uma universidade britânica, e descrever a trajetória percorrida para viabilizar a entrada naquela universidade, especialmente, através da realização de trabalhos voluntários. Pretende-se, também, em grandes linhas, discutir a criação dos cursos de Arquivologia no Reino Unido, e a constituição do curso de mestrado e as atividades realizadas no mestrado na UCL⁸.

³ A partir do século XIX, estudiosos e profissionais começaram a produzir manuais para estabelecer princípios gerais que nortegassem os trabalhos da área. O Manual dos arquivistas holandeses, publicado em 1898, é considerado o marco inaugural para o estabelecimento de uma disciplina arquivística autônoma (FONSECA, op. cit.).

⁴ Segundo Schellenberg (2006), as razões para a criação do PRO relacionam-se às necessidades práticas de incrementar a eficiência estatal, decorrentes da constatação do péssimo estado de conservação de muitos documentos públicos, e de ordem cultural, resultantes do anseio de historiadores em conscientizar o público sobre o valor dos documentos. Em 2003, o PRO foi incorporado ao *Historical Manuscript Commission* (HMC), formando o Arquivo Nacional (*The National Archives*). O Arquivo Nacional da Escócia e o *Public Record Office* da Irlanda do Norte são instituições independentes.

⁵ O *Local Government Act 1888* estabeleceu divisões administrativas mediante conselhos municipais e conselhos de condados na Inglaterra e no País de Gales.

⁶ A diferença entre o mestrado e o diploma na Inglaterra é a produção da dissertação, que não é exigência no diploma.

⁷ O Reino Unido é constituído pela Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte. Na Irlanda, há apenas um curso de Arquivologia, oferecido pela *University College Dublin* (UCD).

⁸ A UCL foi fundada em 1826 e possui mais de 13.000 funcionários e 46.000 alunos. Está entre as 10 melhores universidades do mundo, de acordo com o QS World University Rankings.

O artigo está dividido em três partes. A primeira parte descreve a utilização de voluntários pelas instituições arquivísticas britânicas e a experiência pessoal do voluntariado em dois projetos em Londres. A segunda parte apresenta uma breve reconstituição do surgimento dos cursos de Arquivologia no Reino Unido e uma descrição do mestrado realizado na UCL. E, na terceira parte, as considerações finais.

2 O TRABALHO VOLUNTÁRIO EM ARQUIVOS NO REINO UNIDO

Antes da apresentação sobre a experiência pessoal como estudante de mestrado no curso de Arquivologia da UCL, faz-se necessário descrever as experiências de trabalho voluntário exercidas em arquivos e que foram essenciais para o ingresso no mestrado.

No Reino Unido, o voluntariado em arquivos é considerado uma forma de desenvolver habilidades voltadas ao mercado de trabalho em geral, por exemplo, em informática, além de aperfeiçoar a segurança na busca por emprego e produzir um senso de comunidade e novos amigos. Mas é, também, considerada uma maneira de desenvolver conhecimentos necessários à formação do arquivista.

Há uma série de instituições arquivísticas que desenvolvem programas voltados aos voluntários em arquivos. O Arquivo Nacional britânico (*The National Archives* - TNA) realiza com voluntários, há mais de vinte anos, atividades de catalogação de documentos e conservação, por exemplo⁹. A instituição possui, inclusive, projetos colaborativos que podem ser realizados via internet, como transcrição de documentos. Somente em 2018, mais de 120 pessoas voluntariaram na instituição (THE NATIONAL ARCHIVES, 2018).

A Associação dos Arquivistas do Reino Unido e Irlanda (*Archives and Records Association UK & Ireland* – ARA) monitora e dissemina informações sobre trabalhos voluntários em arquivos, desenvolve políticas e práticas voltadas ao voluntariado e promove uma premiação anual aos projetos arquivísticos que utilizam voluntários¹⁰. Segundo ARA (2018), os voluntários que buscam essas atividades em razão profissional o fazem para capacitação e conhecimento na área de arquivos, crescimento profissional, network e potencialização do currículo (ARCHIVES AND RECORDS ASSOCIATION UK & IRELAND, 2018).

Em 2005, após um ano em Londres e muitas aulas de inglês, foi cursada uma disciplina chamada “Acesso: políticas e práticas”¹¹, da grade curricular do curso de mestrado em

⁹ Informações disponíveis em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/about/get-involved/volunteering/>. Acesso em: 1 nov. 2019.

¹⁰ Informações disponíveis em: <https://www.archives.org.uk/careers/volunteering/volunteering-awards.html>. Acesso em: 1 nov. 2019.

¹¹ Atualmente, essa disciplina é chamada *Access and Use of Archives and Records*.

Arquivologia, do Departamento de Estudos da Informação, da UCL¹². Em uma das aulas, o conteúdo versou sobre projetos de centros comunitários ingleses que utilizavam “arquivos comunitários” (*community archives*)¹³ e história oral¹⁴. O palestrante, Dr. Roger Green¹⁵, então professor da Universidade de Hertfordshire, nos apresentou um projeto de pesquisa que vinha sendo conduzido em um centro habitacional chamado *Kingsmead*, no bairro de Hackney, leste de Londres, desde 1996, e mencionou as possibilidades de trabalho voluntário.

3 O PROJETO DE PESQUISA NO *KINGSMEAD HOUSING ESTATE*, HACKNEY, LONDRES

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o leste de Londres foi densamente atingido e bombardeado pelos países do Eixo¹⁶, em razão de possuir algumas das áreas portuárias mais importantes da cidade e ser densamente povoado¹⁷. Nas décadas seguintes, boa parte daquela área precisou ser regenerada através da reconstrução de infraestruturas locais e da criação de conjuntos habitacionais (*housing estates*).

O bairro de Hackney está localizado próximo à região central de Londres, constituindo uma área de recepção natural de imigrantes. Mais de um terço dos moradores do bairro é formado por minorias étnicas, especialmente afro-caribenhos¹⁸. O conjunto habitacional *Kingsmead* (*Kingsmead Housing Estate*) foi construído na década de 1930 no âmbito de políticas públicas de erradicação de favelas (*slum clearance*) e posterior plano de reconstrução pós-Segunda Guerra Mundial, e é constituído por 16 blocos de apartamentos de 5 andares cada. Desde a década de 1970, o conjunto habitacional tem sido considerado um dos mais problemáticos de Londres, violento e dominado por gangues locais.

¹² As disciplinas do mestrado em Arquivologia da UCL podem ser cursadas de forma isolada, assim como fazem os alunos especiais da pós-graduação no Brasil.

¹³ Ainda pouco pesquisados no Brasil, os arquivos comunitários buscam documentar a história de grupos específicos ou locais, comunidades diversas e religiões, contribuindo para a preservação de patrimônios locais e nacionais, de forma mais inclusiva e diversificada (FLINN, 2007). Na Inglaterra, os arquivos comunitários também são conhecidos como *heritage initiatives* (iniciativas de patrimônio). A ARA criou um grupo de trabalho específico sobre o tema chamado *Community Archives and Heritage Group* (CAHG). O grupo promove conferências, capacitação e uma premiação anual aos projetos arquivísticos que utilizam tais tipos de arquivos. Informações disponíveis em: <<https://www.communityarchives.org.uk/index.php>>. Acesso em: 19 nov. 2019. Dois importantes projetos sobre arquivos comunitários foram desenvolvidos na UCL, sob coordenação do professor Dr. Andrew Flinn: *Community Archives and Identities: documenting and sustaining community heritage* (2008-2010) e *Dig Where We Stand and Continuing to Dig* (2011-2013). Informações disponíveis em: <<https://www.ucl.ac.uk/information-studies/community-archives-and-identities-documenting-and-sustaining-community-heritage>>; <<https://blogs.ucl.ac.uk/dig-where-we-stand/2012/04/08/dig-where-we-stand-or-when-you-are-in-a-hole-dont-stop-digging/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

¹⁴ De acordo com Lozano (2012), a história oral distingue-se como um procedimento que constitui novas fontes para a pesquisa histórica, baseando-se em depoimentos orais coletados sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos.

¹⁵ Atualmente, ele é pesquisador na Universidade de Goldsmiths, da Universidade de Londres.

¹⁶ Os países do Eixo foram compostos pela Alemanha, Itália e Japão.

¹⁷ O leste de Londres foi, inclusive, um dos principais alvos da campanha de bombardeamentos estratégicos realizados pela Alemanha, entre 1940 e 1941, conhecida como “*The Blitz*”.

¹⁸ Informações disponíveis em: <https://www.britannica.com/place/Hackney-borough-London>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Sociólogo e então pesquisador da Universidade de Hertfordshire, Dr Roger Green iniciou, em 1996, uma parceria entre o *Centre for Community Research* (CCR), da Universidade de Hertfordshire e o *Hackney Marsh Partnership*, uma organização não-governamental estabelecida no *Kingsmead* há alguns anos. De acordo com Green (GREEN, 2008, p. 75, tradução nossa), “em uma comunidade que, historicamente, vivenciou pobreza, desigualdade e exclusão social ao longo de muitos anos, o projeto de pesquisa visa romper com o que [Paulo] Freire (1972, p. 19) determinou de “cultura do silêncio” que é sua aceitação opressiva e passiva do status quo”.

Para tanto, Green argumenta que a única forma de erradicar esse fenômeno social persistente é ouvir as preocupações e necessidades daqueles que vivenciam a pobreza, e atuar junto deles para enfrentar suas realidades (GREEN, op. cit.). O projeto, além de evidenciar as necessidades da comunidade, buscou apoiar iniciativas voltadas, por exemplo, à obtenção de assistência jurídica, serviços de emprego, de treinamento e educacional. Assim, explica Green (2008) sobre a sua convicção no projeto:

Ouvindo os moradores falarem sobre suas vidas diárias, ficou claro para mim que a conscientização poderia ajudar a entender, desafiar e propor alternativas às forças socioeconômicas opressivas e excludentes que, no nível micro, eles experimentam em suas próprias vidas e em sua comunidade. Partilhei a convicção de Freire de que a reforma social e a politização do indivíduo também eram educação (GREEN, op. cit., p. 81, tradução nossa).

Nesse sentido, o envolvimento no projeto de pesquisa como voluntária, em 2005, se deu mediante às atividades de história oral desenvolvidas com os moradores do *Kingsmead* falantes de português, imigrados, especialmente, de países africanos como Moçambique, Angola e Guiné-Bissau. O projeto com os imigrantes baseou-se em metodologia de uma experiência anterior que realizou entrevistas gravadas com 20 moradores diversos do *Kingsmead* e registrou “os relatos pessoais e as histórias da vida das pessoas em um conjunto habitacional muito difamado que até então havia permanecido amplamente ignorado ou marginalizado” (GREEN, 2005, p. 13)¹⁹.

Em relação ao projeto no qual o trabalho voluntário foi realizado, o objetivo foi reunir informações sobre a vida no conjunto habitacional a partir da perspectiva do imigrante. Adicionadas às dificuldades decorrentes da pobreza, marginalidade e exclusão social inerentes ao *Kingsmead*, o projeto pretendia ouvir as histórias sobre diferenças culturais e de costumes, das saudades de “casa”, amigos e familiares, xenofobia e racismo, e barreiras impostas pela falta de domínio do idioma. Nesse sentido, foi estabelecido que as entrevistas se realizariam na língua materna dos entrevistados. E assim, foi possível contribuir com o projeto através da realização de entrevistas gravadas em português mediante um roteiro de perguntas pré-estabelecidas, além de participar das atividades de transcrição e tradução dessas entrevistas para o inglês. Entre abril a dezembro de

¹⁹ Dessa experiência, foi publicado o livro: Green, Roger (ed.). **Voices from the Mead: people's stories of the Kingsmead Estate**. London: Arima Publishing, 2005.

2005, foram realizadas seis entrevistas, tendo a oportunidade de adquirir e aprimorar o conhecimento voltado às técnicas da história oral.

O projeto de pesquisa no centro habitacional *Kingsmead*, coordenado por Green, foi conduzido até 2010, tornando-se aclamado internacionalmente como modelo para parcerias de pesquisa comunidade-universidade.

2.2 The Sir Joseph Banks Archive Project, Museu De História Natural

Entre fevereiro de 2006 a março de 2007, foi realizado o trabalho voluntário no projeto intitulado *Joseph Banks Archive*, localizado no Museu de História Natural, em Londres (*Natural History Museum*). Inicialmente, o contato com o projeto se deu através do website do museu que disponibiliza vagas de emprego e voluntariado. Conforme apresentado anteriormente, há diversas instituições arquivísticas e culturais no Reino Unido que utilizam o trabalho de voluntários. O Museu de História Natural, por exemplo, além de empregar aproximadamente 900 funcionários, utiliza os trabalhos de 500 voluntários, distribuídos em atividades voltadas à visitação e suporte às coleções²⁰.

O projeto *Sir Joseph Banks Archive* visa reconstruir a correspondência dispersa do explorador, naturalista e presidente de longa data do *Royal Society*²¹, Sir Joseph Banks (1743-1820) através da localização, em diferentes repositórios arquivísticos e entre colecionadores, das cartas produzidas/recebidas por Banks, e sua catalogação, transcrição e publicação em livros.

Natural de Londres, Banks trabalhou extensivamente pela promoção da ciência, viabilizando e participando de expedições a diversas partes do mundo. Sua correspondência e seus documentos associados foram mantidos organizados e em perfeita ordem tanto em Londres quanto em *Revesby Abbey*²², a casa de campo da família, no condado de Lincolnshire, até a sua morte. Todavia, sem herdeiros diretos, Banks delegou que, após a sua morte, um sobrinho deveria realizar a tarefa de avaliar a correspondência e distribuí-la entre *Revesby Abbey* (caso tratasse de sua família e patrimônio), *Royal Society* (se fosse relativa às atividades da instituição) e o Museu Britânico (a correspondência estrangeira). O restante da correspondência deveria ser queimado.

O sobrinho, porém, entregou apenas a correspondência estrangeira ao Museu Britânico e, ao longo dos anos, o restante foi sendo disperso entre diferentes repositórios (por exemplo, as correspondências sobre a Austrália foram compradas pelo estado australiano New South Wales, em

²⁰ Informações disponíveis em:

https://careers.nhm.ac.uk/templates/CIPHR/job_list.aspx?_ga=2.218432401.902519682.1574266247-1407289219.1572626525. Acesso em: 20 nov. 2019.

²¹ Fundada em 1660, o *Royal Society* é uma instituição destinada à promoção do conhecimento científico, com sede em Londres. Banks presidiu a instituição por 41 anos.

²² Informações sobre *Revesby Abbey* em: <http://www.revesbyabbey.co.uk/history.html>. Acesso em: 22 nov. 2019.

1884²³), diversos biógrafos de Joseph Banks e colecionadores. Estima-se que, originalmente, as correspondências de Banks eram constituídas por aproximadamente 100 mil cartas (O'BRIAN, 1997).

O trabalho voluntário envolveu atividades de transcrição da correspondência e documentos manuscritos em inglês, transcrição e tradução das cartas e documentos em espanhol para o inglês, e a catalogação dessas informações de acordo com a Norma Internacional da Descrição Arquivística (ISAD(G)) e a Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística (ISAAR(CPF))²⁴, para serem incorporados ao primeiro volume da série de publicações intituladas *The Indian and Pacific Letters of Sir Joseph Banks, 1768-1820*, publicado em 2008.

No âmbito da formação arquivística, as principais habilidades adquiridas na experiência de voluntariado no projeto *Sir Joseph Banks Archive* referem-se às atividades de transcrição de documentos e da leitura paleográfica, além da descrição arquivística de acordo com as diretrizes do Conselho Internacional de Arquivos (ICA).

Desde 2008, o projeto tem sido desenvolvido na *Nottingham Trent University*, na cidade de Nottingham, Inglaterra, e editados pelo diretor do projeto, Dr Neil Chambers, que publicou mais de uma dezena de livros sobre a correspondência de Banks²⁵.

3 O CURSO DE MESTRADO EM ARQUIVOLOGIA NO REINO UNIDO

A carreira do arquivista... é de serviço. Ela existe com a finalidade de fazer o trabalho de outras pessoas possível, pessoas, em sua maioria, desconhecidas e que trabalham, muito possivelmente, em ramos igualmente desconhecidos para ele, alguns deles num futuro distante e ainda imprevisíveis. Seu Credo, a Santidade da Evidência; sua Tarefa, a conservação de cada pedaço de Evidência anexado aos documentos sob sua responsabilidade; seu Objetivo, o de proporcionar, sem prejuízo ou pensamento, a todos que queiram saber, o Significado do Conhecimento” (JENKINSON, 1948, p. 38, tradução nossa).

Com essas palavras, o arquivista inglês Sir Hilary Jenkinson descreveu a carreira do arquivista na aula inaugural de Diploma universitário em Administração de Arquivos na UCL, em 14 de outubro de 1947.

Após alguns anos propondo àquela universidade a criação de um curso específico em administração de arquivos, Jenkinson afirmava que o “bom arquivista” era um guardião imparcial dos documentos, definição já proposta em seu livro *Manual of Archive Administration*, publicado

²³ Atualmente, essa correspondência está depositada na Biblioteca Estadual de *New South Wales*: <https://www.sl.nsw.gov.au/banks>. Acesso em: 22 nov. 2019.

²⁴ As duas normas arquivísticas foram criadas pelo Conselho Internacional de Arquivos (ICA) e estabelecem diretrizes gerais para os elementos de descrição de documentos e autoridades.

²⁵ Sobre os livros publicados pelo projeto, ver: Chambers, Neil. **The Indian and Pacific Letters of Sir Joseph Banks 1768-1820**. London: Pickering & Chatto, 2008-14, 8 vols.; Chambers, Neil. **Scientific Correspondence of Sir Joseph Banks 1765-1820**. London: Pickering & Chatto, 2007, 6 vols.

em 1922. Essa ideia colocava os arquivos como evidência de algo ocorrido, devendo ser preservados físicos e moralmente pelos arquivistas, sendo, esses, os “guardiões da verdade” ou “guardiões da memória de uma nação” (JENKINSON, 1922).

No Reino Unido, segundo Shepherd (op. cit.), a necessidade do estabelecimento de uma formação formal do arquivista já havia sido apontada desde o início do século XX, devendo ser conduzida pelas universidades que oferecessem disciplinas de Paleografia. Todavia, foi apenas após a Segunda Guerra Mundial²⁶ e a reestruturação das universidades que a formação do arquivista passou a ser realizada na universidade, através de cursos de Diploma em Arquivologia, de duração de, pelo menos, um ano, incluindo um período de experiência prática, e voltados, especialmente, aos profissionais que já trabalhavam na área e que não possuíam uma formação formal.

Nesse sentido, em 1947, três instituições britânicas estabeleceram o Diploma em Arquivologia: a UCL, cujo curso foi criado por Jenkinson, no âmbito da Faculdade de Biblioteconomia; a Universidade de Liverpool, no âmbito do Departamento de História Medieval; e um programa de estágio oferecido pela *Bodleian Library*, da Universidade de Oxford²⁷. Todavia, esses cursos possuíam pouca reflexão teórica e estavam voltados, em grande medida, às atividades práticas da profissão (SHEPHERD, op. cit.).

A partir dos anos 1960, as universidades que ofereciam o Diploma de Arquivologia (além das três citadas acima, a Universidade de Northumbria, a Universidade de Aberystwyth e a Universidade de Bangor²⁸), introduziram o curso de mestrado, numa tentativa de promover a pesquisa e o desenvolvimento dos estudos teóricos da Arquivologia no Reino Unido. A nomeação do professor e arquivista Dr. Michael Cook à direção do curso de Arquivologia da Universidade de Liverpool, em 1969, contribuiu para o início das primeiras pesquisas e estudos teóricos da área voltadas à descrição arquivística (SHEPHERD, op. cit.).

O surgimento de questões relacionadas à organização e avaliação dos documentos arquivísticos em sua fase corrente e intermediária²⁹ (em inglês, tais arquivos são denominados *records*), resultou, a partir da década de 1980, em uma maior ênfase às questões teóricas e

²⁶ Para Shepherd (op. cit.), as discussões sobre a criação do Conselho Internacional de Arquivos (ICA), criado em 1948, também contribuíram para o estabelecimento dos cursos de Arquivologia no Reino Unido.

²⁷ O curso da *Bodleian Library* fechou em 1980.

²⁸ Os cursos dessas duas últimas universidades foram fundidos em um só e, atualmente, é ofertado pela Universidade de Aberystwyth.

²⁹ Essa categorização é resultante do que veio a ser conhecida como a “Teoria das Três Idades” que “reparte” a vida dos documentos em três fases: “arquivos correntes” (quando eles são “ativos”, ou seja, são necessários à manutenção das atividades cotidianas e são utilizados constantemente, devendo, portanto, estarem armazenados perto de seus produtores); “arquivos intermediários” (quando eles são semiativos, ou seja, ainda são necessários às atividades do seu produtor, todavia, em uma frequência menor, não justificando o seu armazenamento próximo do produtor); e “arquivos permanentes” (fase em que os documentos que não possuem valor previsível ao produtor, devem ser eliminados ou preservados permanentemente, caso possuam um valor de testemunho ou histórico). Ver ROUSSEAU; COUTURE, 1994, p. 111-126, que definem essa categorização como um conceito ou abordagem, ao invés de “teoria” (ROUSSEAU; COUTURE, 1994, p. 127).

intelectuais da gestão de documentos e ao contexto profissional mais amplo do arquivista, incluindo o gerenciamento de arquivos eletrônicos.

Nesse sentido, a Universidade de Northumbria, na cidade de Newcastle upon Tyne, no norte da Inglaterra, criou, em 1995, o Mestrado em *Records Management*³⁰, visualizando que “a gestão de arquivos [correntes e intermediários] é parte da gestão das estruturas e fontes de informação, e não um subconjunto da administração de arquivos” (SHEPHERD, op. cit., p. 256, tradução nossa).

Atualmente, os cursos de mestrado em Arquivologia são oferecidos em seis universidades britânicas: UCL³¹, em Londres; Universidade de Liverpool³², na cidade de Liverpool; Universidade de Aberystwyth³³, no País de Gales; Universidade de Dundee³⁴ e Universidade de Glasgow³⁵, na Escócia; e Universidade de Plymouth³⁶, na cidade de Plymouth, no sul da Inglaterra. Na Irlanda, há ainda mestrados ofertados pela *University College Dublin* e Universidade de Maynooth. No Quadro 1 apresentamos as universidades mencionadas, os nomes dos respectivos cursos de mestrado e a sua modalidade:

Quadro 1: Cursos de Arquivologia no Reino Unido

No.	Universidade	Nome do curso	Modalidade
1	University College London (UCL)	<i>Archives and Records Management</i>	Presencial
2	Universidade de Liverpool	<i>Archives and Records Management</i>	Presencial
3	Universidade de Aberystwyth	<i>Archive Administration</i>	Presencial/ à distância
4	Universidade de Dundee	<i>Archives and Records Management</i>	À distância
		<i>Records Management and Digital Preservation</i>	
		<i>The Records Management and Information Rights</i>	

³⁰ Atualmente, essa modalidade de mestrado não é mais ofertada pela Universidade de Northumbria. No lugar, são oferecidos os seguintes mestrados, à distância: *Information Science – Library Management*; *Information Science (Data Analytics)*; *Information Technology Management for Business*; e *Information Security Management*. Mais informações em: <https://www.northumbria.ac.uk/study-at-northumbria/courses/information-science-msc-library-management-dl-dtdiny6/>. Acesso em: 28 nov. 2019. Há outros cursos de Mestrado em Ciência da Informação (*Information Science*), no Reino Unido, entre os quais, destacamos os cursos disponíveis na *City University* e na UCL, ambas, em Londres.

³¹ Informações disponíveis em: <https://www.ucl.ac.uk/information-studies/study/postgraduate-study/ma-archives-and-records-management>. Acesso em: 27 nov. 2019.

³² Informações disponíveis em: <https://www.liverpool.ac.uk/centre-for-archive-studies/courses/#d.en.528874>. Acesso em: 27 nov. 2019.

³³ Informações disponíveis em: <https://www.aber.ac.uk/en/dis/courses/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

³⁴ Informações disponíveis em: <https://www.dundee.ac.uk/cais/programmes/postgraduatecourses/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

³⁵ Informações disponíveis em: <https://www.gla.ac.uk/postgraduate/taught/informationmanagementpreservation/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

³⁶ Esse curso ainda não é credenciado pela Associação dos Arquivistas do Reino Unido e da Irlanda (ARA). Informações disponíveis em: <https://www.plymouth.ac.uk/courses/postgraduate/ma-archival-practice.com>. Acesso em: 28 nov. 2019.

5	Universidade de Glasgow	<i>Information Management e Preservation</i>	Presencial
6	Universidade de Plymouth	<i>Archival Practice</i>	Presencial

Fonte: Elaboração própria.

O ingresso no Mestrado em Arquivologia na UCL ocorreu em setembro de 2007. O processo seletivo se deu através da análise do histórico escolar da graduação (que havia sido feita no Brasil), das cartas de recomendação das experiências como voluntária em Londres (que contaram como experiência profissional) e de uma entrevista. Foi escolhida a modalidade de meio período (*part-time*), realizado em dois anos, duas vezes por semana, e que incluiu a produção da dissertação.

Durante o mestrado cursado, sete disciplinas obrigatórias e uma disciplina opcional foram oferecidas. As disciplinas obrigatórias foram as seguintes: Introdução à Arquivologia; Gerenciamento de arquivos eletrônicos; Preservação; Acesso: políticas e práticas; Descrição arquivística; e Contextos Profissionais Internacionais (essa disciplina era voltada aos alunos estrangeiros). Havia diversas disciplinas optativas, entre as quais, destacamos: *Web publishing*; Análise e design de sistemas de banco de dados; Publicação digital; Recursos digitais nas humanidades; Descrição arquivística codificada e digitalização; Paleografia; Latim; Preservação avançada; entre outras.

A disciplina de Descrição Arquivística, ministrada pelo professor Dr Geoffrey Yeo, incluiu um estágio de duas semanas em uma instituição arquivística realizado na Biblioteca Britânica, especificamente no projeto temático intitulado *Archiving Texts in the Sylhet Nagri Script*, do *Endangered Archives Programme*³⁷.

O programa *Endangered Archives* visa viabilizar a digitalização de arquivos que estão sob risco de destruição, negligência ou deterioração física. Desde 2004, o programa já financiou mais de 400 projetos, em 90 países³⁸. No projeto *Archiving Texts in the Sylhet Nagri Script*, o trabalho envolveu o arranjo e a catalogação dos arquivos digitais dos textos em *Sylhet Nagri*, uma escrita utilizada na região de Bengala, em torno de 1870, e que, atualmente, caiu em desuso.

A dissertação produzida durante o mestrado, intitulada *Access to Information around the world and Brazil: suggestions for the Brazilian Freedom of Information Act and its impact on records management*, entregue em 2009, produziu um comparativo entre as leis de acesso à informação do Reino Unido e da África do Sul (*Freedom of Information Act (FOI)* e *Promotion of Access to Information Act (PAIA)*, respectivamente) e o então projeto da Lei de Acesso à Informação (LAI), no Brasil. Ela foi orientada pelo professor Dr Andrew Flinn e co-orientada pela professora Dra Elizabeth Shepherd. No mestrado em Arquivologia no Reino Unido, não há relatório

³⁷ Mais informações disponíveis em: <https://eap.bl.uk/project/EAP071>. Acesso em: 28 nov. 2019.

³⁸ Informações disponíveis em: <https://eap.bl.uk/>. Acesso em: 29 nov. 2019.

intermediário de mestrado e a dissertação não é defendida; ela é somente entregue ao departamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do arquivista busca garantir que as qualidades dos arquivos sejam mantidas, permitindo a sua utilização nas questões voltadas à história e à memória, transparência pública e prestação de contas, e efetivação de direitos humanos e civis.

Ao relatar duas experiências de trabalho voluntário em arquivos desenvolvidas em um projeto de história oral em um conjunto habitacional londrino, e um projeto de catalogação de correspondência do século XVIII de um importante naturalista inglês, foram abordadas as formas como o trabalho voluntário é tratado pelas instituições arquivísticas e culturais no Reino Unido, tomando o exemplo das diretrizes oferecidas pelo Arquivo Nacional britânico e pela Associação dos Arquivistas do Reino Unido e Irlanda (ARA). Também foram descritos os projetos com os quais os trabalhos voluntários foram realizados, as atividades neles desenvolvidas e as habilidades e conhecimento adquiridos através dessas duas experiências.

Buscou-se apresentar a experiência de realização de um mestrado em Arquivologia em uma universidade britânica. Para tanto, foi produzida uma breve reconstituição da criação dos cursos de Arquivologia no Reino Unido, apresentando as seis universidades que, atualmente, oferecem tais cursos. Em seguida, foi descrito o curso de mestrado realizado na UCL, uma das universidades precursoras na implementação da formação formal do arquivista no Reino Unido, e foram apresentadas as disciplinas ofertadas no mestrado, além das atividades desenvolvidas e a produção da dissertação.

Como resultado, constata-se que o trabalho voluntário em arquivos no Reino Unido é extensivamente utilizado por diversas instituições e projetos arquivísticos e culturais, incluindo, o Arquivo Nacional britânico, e reconhecido como uma experiência profissional; e que a ARA produz diretrizes para viabilizar o voluntariado em arquivos e promove tais trabalhos através de uma premiação anual. Resultantes da experiência pessoal, é possível afirmar que o trabalho voluntário permite a obtenção de diversas habilidades e conhecimento importantes à formação do arquivista. Por fim, observa-se a diferença de formação do arquivista no Reino Unido em relação ao Brasil, ao constatar que essa formação é realizada mediante um curso de Diploma ou Mestrado, com o pré-requisito da obtenção de uma graduação em qualquer área do conhecimento e experiência profissional de, pelo menos, um ano.

Acredita-se que o relato dessas experiências, ao oferecer possibilidades de formação profissional e acadêmica do arquivista no Reino Unido, possa inspirar outros estudantes e profissionais da área a buscarem as oportunidades discutidas nesse relato.

REFERÊNCIAS

ARCHIVES AND RECORDS ASSOCIATION UK & IRELAND. The impact of volunteering in archives. Mar. 2018. Disponível em: https://www.archives.org.uk/images/Volunteering/Williams_The_Impact_of_Volunteering_in_Archives_2018.pdf. Acesso em: 1 nov. 2019.

FLINN, Andrew. Community Histories, Community Archives: Some Opportunities and Challenges. *Journal of the Society of Archivists*, vol. 28, n. 2, 2007.

FONSECA, Maria Odila. *Arquivologia e Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GREEN, Roger (ed.). *Voices from the Mead: people's stories of the Kingsmead Estate*. London: Arima Publishing, 2005.

GREEN, Roger (ed.). Bringing about social change: the role of community research. In: COX, P. et al. *Qualitative Research and Social Change: UK and Other European Contexts*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2008, p. 75-93.

JENKINSON, Hilary. *A manual of archive administration including the problems of war archives and archive making*. Oxford: Clarendon Press, 1922.

JENKINSON, Hilary. *The English archivist: a new profession: being an inaugural lecture for a new course in archive administration delivered at University College London, 14 October, 1947*. London: H.K. Lewis, 1948.

LOZANO, Jorge. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: Ferreira, M; Amado, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 15-26.

MACNEIL, Heather. Correntes em transformação. In: Eastwood, T.; MacNeil, H. *Correntes atuais do pensamento arquivístico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017, p. 7-18.

MARQUES, Angélica. *A arquivologia brasileira: busca por autonomia científica no campo da informação e interlocuções internacionais*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2019. 2ª edição ampliada.

O'BRIAN, Patrick. *Joseph Banks*. London: The Harvill Press, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

SHELLENBERG, Theodore. *Arquivos Modernos: princípios e práticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SHEPHERD, Elizabeth. Towards professionalism? Archives and archivists in England in the 20th century. Tese de Doutorado. London: University College London, 2004. 310p. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1462315/1/Shepherd%20E%20phd%20thesis.pdf>. Acesso em: 31 out. 2019.

THE NATIONAL ARCHIVES. Survey of The National Archives volunteer 2018. Disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/documents/survey-of-the-national-archives-volunteers.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2019.

FROM VOLUNTEERING TO ARCHIVAL EDUCATION IN THE UNITED KINGDOM

Abstract: *This is a report of professional and academic experience developed in London through volunteer work in archival projects and the master's degree in Archives and Records Management at University College London (UCL). The aim of the paper is to present the relationship of volunteering with archival institutions in the United Kingdom, and to describe the two projects with which the volunteer experience was developed: Kingsmead Housing Estate and The Sir Joseph Banks Archive. It also aims to briefly reconstruct the emergence of archival courses in the United Kingdom from 1947 onwards and to describe the master's degree in Archives and Records Management and its disciplines and activities. It is concluded that volunteer archival work in the United Kingdom is extensively used and promoted by several archival and cultural institutions, including the National Archives and the Association of Archivists of the United Kingdom and Ireland (ARA), and it is recognized as a professional experience. In addition, the paper demonstrates the difference between the archival education in the United Kingdom compared to Brazil, which is obtained by taking a postgraduate course.*

Keywords: *Volunteering. Archival Courses. United Kingdom.*

Originals recebidos em: 29/11/2019

Aceito para publicação em: 23/06/2020

Publicado em: 30/06/2020